

# Traço e rede<sup>1♦</sup>

Marcus André Vieira

Referência:

Vieira, M. A. Traço e rede. *Latusa*, Rio de Janeiro, EBP-RIO, n. 19, 2014, pp. 171-178.

É uma experiência muito carioca a de viver ao pé de uma montanha rochosa. São muitas, do Pão de Açúcar ao Corcovado, da Pedra da Gávea e aos Dois Irmãos. Imagino Chico Buarque chegando em casa tarde da noite e de sua janela perdendo seu olhar no enorme paredão rochoso do Dois Irmãos à sua frente, ainda mais enorme em seu silêncio. A presença muito especial desse silêncio se transporta magnificamente para seus versos: “Dois Irmãos, quando vai alta a madrugada, a teus pés vem se encostar os instrumentos”. Se por um lado ela é brutalmente estática, por outro é também viva “como se o ritmo do nada fosse todos os ritmos por dentro”.<sup>2</sup>

A esse silêncio-presença, que o leitor contraponha outra sequência musical. Quem não conhece os primeiros acordes da quinta sinfonia de Beethoven? "Tcham-tcham-tcham Tchaam... E novamente: Tcham-tcham-tcham TCHAAAM... As maiúsculas e reticências são o que de melhor se pode fazer no plano do texto para traduzir o intenso resultado dessa sequência sonora, que materializa a intensidade do silêncio de Chico Buarque apresentada, porém, como injunção em precisa frase musical. Não mais silêncio, mas ainda assim, sem conteúdo, mandamento indefinido.

Creio que tanto uma quanto outra dessas duas experiências musico-poéticas se complementam presentificando o efeito do que Lacan chamou de pulsão *invocante*. É uma experiência de certeza. Somos intimados, mesmo que não se saiba bem por quem nem para quê. E nesse plano, silêncio e som estão tão próximos que se confundem.

Essa invocação é o que Lacan chama de "a presença do Outro" sob sua forma vocal, solicitando-nos no mais íntimo de nosso desejo. É como retoma a pulsão freudiana, como o movimento desencadeado em nós pelo Outro, que se materializa em quatro objetos típicos: oral, anal, visual e auditivo. Eles definem quatro eróticas que constituem uma distribuição primeira, nada exaustiva, do modo como mobiliza-se nosso desejo. Declinam o tudo ou nada de um objeto a ser consumido, no objeto oral; a negociação em torno de um objeto de dádiva, na pulsão anal; a apreensão de si como capturado por um olhar e finalmente, a presença da alteridade no coração da subjetividade, sem forma ou origem clara, apenas voz.

A voz do Outro tem a particularidade de nos mobilizar sem levar em conta uma de nossas balizas mais básicas: o "dentro x fora" do corpo. De fato, o som nos afeta sempre nas ondas sonoras conduzidas pelo ar que penetra em nossos ouvidos e ao mesmo tempo por condução óssea, pois o crânio (assim como o corpo todo) é igualmente mobilizado pelas ondas sonoras e vibra por ação delas. É o que Lacan dramatiza ao lembrar que os ouvidos são os únicos orifícios do corpo que não podem ser fechados a não ser por ajuda externa.<sup>3</sup>

---

<sup>1♦</sup> Este texto reproduz algumas passagens da comunicação apresentada na plenária “Premières punctuations” do IX Congresso da Associação Mundial de Psicanálise “Um real para o século 21”, Paris, abril 2014. Publicado em *Latusa*, 19, Rio de Janeiro, EBP Rio, 2014, pp. 171-179.

<sup>2</sup> Dois Irmãos, quando vai alta a madrugada / E a teus pés vêm-se encostar os instrumentos / Aprendi a respeitar tua prumada / E desconfiar do teu silêncio / Penso ouvir a pulsação atravessada / Do que foi e o que será noutra existência / É assim como se a rocha dilatada / Fosse uma concentração de tempos / É assim como se o ritmo do nada / Fosse, sim, todos os ritmos por dentro / Ou, então, como um música parada / Sobre um montanha em movimento (Dois Irmãos, Chico Buarque, 1988).

<sup>3</sup> LACAN, J. *O seminário. Livro 23: o sinthoma* (1975-1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, p. 17 [18/11/75]. Cf. Vieira, Silêncio Publicado em: *Opção Lacaniana online* nova série, Ano 4, Número 11, julho 2013, disponível em

Nessa suspensão de todas as fronteiras apresenta-se, no que se ouve, a voz como tal, entre som e silêncio, manifestação da pura presença do Outro. Não é à toa que essa presença tenha sido quase sempre tomada como divina ou demoníaca. Sabemos que Freud preferiu aproximá-la de seu conceito de supereu. O importante é destacar como, por esta razão, a presença vocal do Outro mais que qualquer outra exige resposta. Do contrário, nos perdemos de nós mesmos por apagamento da fundamental diferença entre eu e Outro. Para o bem ou para o mal, o supereu exige ação seja qual for. Nos termos de Lacan sua voz se pudesse ser ouvida diria apenas: *Goza!*<sup>4</sup>

Foi com relação a essa exigência cega e sem corpo que minha análise permitiu uma modulação, uma pequena separação que mudou minha história.<sup>5</sup> O supereu me aparecia com as feições das crises de agitação dos pacientes da clínica psiquiátrica de minha família, onde passei os momentos mais intensos e vivos de minha infância. Tudo me levava a tomar os violentos gritos na crise como a voz do supereu. O grito do louco me parecia a perfeita encarnação dessa voz, áfono como o som de um *trovão*: sem sentido, pura força da natureza, o real em si. Resumindo todo um longo percurso em uma frase, percebi como este trovão não era a presença da coisa em si, o real, mas apenas um pedaço de real, um real em cena. Explico.

A presença do Outro pôde ser pressentida não mais a partir do que Lacan denomina *fantasia*, seu nome para o roteiro de base do teatro pessoal que carregamos conosco. Ele é tecido pelas marcas deixadas pelos encontros que nos constituíram.<sup>6</sup> Nas cenas fundamentais que vão se depositando e que traduzem o que fizemos com o que o Outro fez conosco há algo que pode ser isolado, sempre igual a si mesmo independente dos contextos. É o que Lacan chamou *letra*. Não existe letra pura, inteiramente fora do sentido, talvez ela só exista reconstituída a partir das muitas imagens em que se reitera, mas a análise nos aproxima dela o bastante para que possamos dar-lhe novo destino. Lacan propõe que possamos fazer algo diferentemente do que sempre havíamos feito, ou seja, tomá-la como chave do desejo do Outro, o segredo do porquê não somos o que gostaríamos, o elemento faltante no quebra-cabeças. Era o que nos levava a uma busca infinita, a impossibilidade de dizer o que somos parecia impotência porque supunhamos que se algo nos faltava era porque alguém tinha levado essa chave consigo. A contingência da marca do Outro, da letra que nos escreve assinala, ao contrário, que o Outro, como intenção, nunca existiu.

Somos fruto de uma chuva contingente de desejos sobre o corpo e nem seus “donos” sabiam bem o que com eles faziam. É o que diria o traçado dessa chuva se pudesse ser lido: o sentido do desejo do Outro não será dito porque nunca existiu. Só há incidências particulares do desejo do Outro, o real dos desejos, um a um, que nos determinam e não o real sem desejo, puro gozo. Não há “o” real do desejo, mas apenas “um” real. Assumi, então, a partir do *um real* que fui descobrindo (o que não poderei desenvolver aqui), que o trovão tampouco era o real, mas tão somente, mais um. Era a maneira como minha mãe, em meu caso, concebia o real. Era o real da fantasia materna.

Estas cristalizações de detalhes vão desenhando não mais um roteiro, mas uma *colagem surrealista* que, paradoxalmente é o que se nos apresenta como o mais singular de nós mesmos. É bem verdade que o singular do desejo só pode se apresentar como paradoxo, afinal nossos desejos são herdados junto com o verdadeiro kit de sentidos que é a cultura. Como diz Lacan: nosso desejo é o desejo do Outro. Por isso, essa trama singular

---

[http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_11/Silencio.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_11/Silencio.pdf) (acesso em 23/07/13).

<sup>4</sup> LACAN, J. *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998[1960], p. 691 e 836 [684 e 849].

<sup>5</sup> Vieira, M. A. “Mordidavida”, *Opção lacanianana* 65, São Paulo, EBP, 2013.

<sup>6</sup> Cf. por exemplo Lacan, J. “O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente”. Rio de Janeiro, JZE, 1999, p. 244 e seguintes.

só se tornou legível quando a voz, como objeto, cedeu lugar à *letra*. A presença do Outro como objeto, mesmo se objeto-trovão, é sempre um tanto solidária da forma corporal. Já a letra é a voz tornada *traço*, registro sem corpo. É a presença de uma alteridade que não necessariamente convoca o sentidos que ela possa ter assumido em uma história.

Permitam-me, para delinear melhor esta posição paradoxal do desejo em análise uma analogia e uma contraposição com relação a um fenômeno bem distante da clínica psicanalítica.

Já se tornou moeda corrente postular, na exigência generalizada de gozo que nos cerca, o imperativo do supereu. Vale aproximá-la em seu aspecto vocal. De fato, não vivemos apenas uma explosão de imagens, estamos também imersos em uma sonorização incessante, seja no plano coletivo, seja no individual, o dos *ipods*, por exemplo. A sociedade do espetáculo é também a sociedade da voz.<sup>7</sup>

Por isso, em nossos dias, nos agitamos muito e escrevemos muito também: mails, SMS, whatsapp. A sociedade da voz não por acaso, também é uma sociedade da escrita. Basta que não entendamos escrita apenas como aquela que transcreve a retórica de nossos romances (andam tão raros). Essa é a escrita que transcreve um sentido. Há mais na escrita, ela é também um procedimento que maneja o traço não para transmitir uma mensagem, mas para converter a exigência vocal de gozo em alguma ação.<sup>8</sup>

Quero destacar um desses procedimentos de escrita, os comentários das fotos que postamos. Tiramos muitas fotos e parece obrigatório comentá-las. Captura-se, em uma foto, um momento, o que, como lembrava R. Barthes, é sempre mortificação.<sup>9</sup> Ela será, porém, negada pela multiplicação dos comentários escritos que repercutem a publicação da foto.

O que é um comentário senão colocar-se de fora, comentando o que se fixou como se vivo fosse? No Facebook, esse procedimento é radicalizado por ser separado do sentido. O comentário não precisa mais se propor como “explicando” seu objeto. Basta-lhe o gesto de reconhecimento, não é preciso mais propor-se como um modo de compreendê-lo. O comentário sempre iluminou seu objeto em ambos sentidos do termo, o de esclarecer e o de lançar luz. Hoje basta o segundo, afinal, são tantas as opções de sentido quantos de modos de vida propostos pela cultura. Cada um tem direito ao sentido que quiser dar a si mesmo e à sua vida desde que o componha a partir de uma combinação de sentidos pré-fixados que não impeçam a livre circulação de mercadorias. Os comentários tornam-se, então um pouco samurais, delineando um traço quase vazio, de valor fático. Pouco dizem, apenas afirmam como aquele momento “fofo” teria sido especial. Os comentários reduzidos, assim, ao gesto de reconhecimento, não são elementos de sentido, essencialmente servem para converter a voz da exigência em ação.

O importante é assinalar como isso só é possível pelo recurso à escrita, à letra.<sup>10</sup> É o que

---

<sup>7</sup> Lacoue-Labarthe, O. *Le chant des muses*, Paris, Bayard, 2005, p. 18. Basta lembrar do modo como os celulares invadem a sessão analítica, por exemplo. O celular que é desligado ostensivamente pelo obsessivo ou o celular que não consegue ser desligado, pela histérica.

<sup>8</sup> A função do escrito, lembra Lacan a propósito do célebre chiste de Cracóvia e Lehnberg, nesse caso “não constitui o guia [de passagens de ônibus] e sim o próprio caminho da estrada de ferro” (Lacan, J. *Outros Escritos*, Rio e Janeiro, JZE, 2003, p. 337 [337]). Cf. Ainda: “O que evoco é outra coisa, é a escrita que chamarei de existência, uma escrita que não é a da fala. Nesse sentido, podemos chamá-la de escrita pura, manejo da letra, do rastro (...). Aqui, o significante opera cortado da significação” (Miller, J. A. “O ser e o Um”, Curso da orientação lacaniana, 2010-2011, inédito, lição de 23/3/11).

<sup>9</sup> Cf. Barthes, R. *A câmara Clara*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, p. 134.

<sup>10</sup> É o que lembra J. A. Miller quando afirma: “Que isto fique claro: dois estatutos do significante. No uso de Lacan, há claramente uma anfibologia desse termo. Há o significante como tal, aquele que se lê pura e simplesmente, é o primeiro em relação ao significado. Podemos chamá-lo de *letra* - Lacan o fez ocasionalmente - sob a condição, disse eu, de não aquartelar-se nas vinte e seis letras do alfabeto” (Miller, J. A. “O ser e o Um”, Curso da orientação lacaniana, 2010-2011, inédito, lição de 23/3/11). Ou, como diz J. A. Miller, de um “manejo de rastros” (Miller, J. A. “O ser e o Um”, Curso da orientação lacaniana, 2010-2011, inédito, lição de

permite a escrita. O que era morte, momento tipificado, de um prato de comida no restaurante a um sorriso banal, projeta-se como se contivesse a vida de um momento único graças a esse procedimento de repercussão pela escrita.

Estariamos nas antípodas do discurso analítico? Esta seria uma visão muito redutora com relação a uma rede cheia de surpresas. Ainda mais porque uma análise é também uma rede, de cenas vivas na recordação e nas releituras a que essas cenas conduzem. A oposição, contudo, parece-me esclarecedora, se a mantivermos restrita a este ponto. Em uma análise algo se escreve, apresentando-se também esvaziado de sentido. Nessa operação o gozo do vivente se separa do sentido, mas não desaparece, nem fica à deriva. Localiza-se na letra.

Tal como o elétron no acelerador de partículas (ou energia ou matéria, dependendo da posição do observador) ela tanto se apresenta como sulco que define e estipula, *traço*, quanto vida que vibra, *corda*, como as de um instrumento musical, produzindo *ressonância*.<sup>11</sup> Aquilo que parecia morte, a marca do Outro em nossos corpos, subtração de gozo, trauma, vem apresentar-se como centro nervoso de nossa singularidade, única garantia de estarmos vivos. Afinal, só essa marca nos faz únicos, bem mais do que a forma do corpo que a sustenta. Fica em aberto, porém, seu sentido.

Esse ato de escrita não precisará ser repetido como os comentários na *web*, exatamente por seu traçado deixar em aberto o sentido do que se escreveu. De fato, nossa singularidade não poderia se traduzir nesse ou naquele modo específico de gozo. Não corresponde a uma maneira de gozar, um modo de ser. O que se traça define mais um circuito através do qual, para alguém, o gozo, qualquer um, tem necessariamente que passar para se realizar.

Por isso, enquanto os comentários no *facebook* se multiplicam e se repetem para reafirmar um mesmo sentido, nosso gozo singular não se apresenta na repetição. Ele não é a monótona afirmação de um mesmo modo de ser. Sem sentido em si, não consiste em nenhum dos modos de gozar de um sujeito, mas em todos eles insiste, naquilo que costuma-se chamar de *estilo*.

Neste sentido, o estilo não é a reiteração de um modo de dizer, mas sim de um impossível de dizer. E sem que este seja o signo de um fracasso, pois ele é a presença reiterada, em meu modo de ser, daquilo que este modo não poderá nunca ser ou dizer. É preciso, porém, que este impossível se torne protagonista do dizer. De fato, se não há sentido original do desejo, nada impede que a vida aninhada na inscrição de seu impossível tenha outro destino. Se antes era gozo incômodo, tida por obstáculo a uma pretensa realização plena do dizer, ela poderá ser agora como uma gagueira ou lalação fundamental que sempre parasita nossa voz, que talvez impeça o discurso ideal, mas abre caminho para a singularidade de um estilo.

---

23/3/11).

<sup>11</sup> Não é essa mesma duplicidade que visa Lacan ao escrever *lalíngua*? Lalíngua não é tanto uma coleção de fragmentos linguageiros quanto o gozo da lalação que eles sustentam? LACAN, J. *O seminário. Livro 23: o sinthoma (1975-1976)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, p. 17 e "Conferência de Genebra sobre o sintoma". Em: *Opção Lacaniana*, n.º 23, São Paulo, EBP, dezembro de 1998, p. 13.



CONSELHO EDITORIAL  
Angela Negreiros  
Romildo do Rêgo Barros  
Eliana Bentes  
Angela Bernardes  
Vera Besset  
Sandra Viola

COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO  
Andrea Vilanova  
Angélica Bastos  
Fernando Coutinho Barros  
Márcia Cicato  
Naiana Cordeiro  
Tatiane Grova

O conteúdo dos artigos é  
de exclusiva responsabilidade  
dos autores

[www.latusa.com.br](http://www.latusa.com.br)

EDITOR  
Cristina Duba

SECRETÁRIA DE EDIÇÃO  
Marta Inês Lamy  
Cristina Bezerril

REVISÃO  
Luciana Lobato

CAPA  
Paula Delecape

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA  
Contra Capa

INDEXAÇÃO  
Lilacs/Bireme

**Latusa**

v.1, n. 1 (nov 1997) – Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise  
Seção Rio, nº 19, agosto de 2014.

Anual  
ISSN: 1415-6830

Psicanálise – Psicanálise 2, Clínica  
L: Escola Brasileira de Psicanálise – Rio de Janeiro

CDU: CDU: 150.815.3  
CDD: CDD: 150.195

Todos os direitos reservados a:  
**Escola Brasileira de Psicanálise – Rio de Janeiro**  
Rua Capistrano de Abreu, 14 – Botafogo  
CEP 22271-000 – Rio de Janeiro – Brasil  
Tel / Fax (55 21) 2539.0960  
[latusa@bahavior.com.br](mailto:latusa@bahavior.com.br)

## Latusa<sup>11</sup>

### O REAL NO CORAÇÃO DA PSICANÁLISE

- 141 E ela escolheu  
STELLA HARRISON
- 155 O órgão, o vivo e o parasita  
YVES-CLAUDE STAVY
- 161 Os filhos da ciência  
FRANÇOIS ANSERMET

### PASSE

- 171 Traço e rede  
MARCUS ANDRÉ VIEIRA
- 179 Novo uso do *sinthoma*  
MARINA RECALDE

### INSTITUTO DE CLÍNICA PSICANALÍTICA

- 189 Notas sobre *O estádio do espelho  
como formador da função do eu*  
MARCIA ZUCCHI

### RESUMOS / ABSTRACTS